



GRUPO DESPORTIVO E CULTURAL DOS EMPREGADOS DO BANCO BPI

Entrevista a Vitor Santos

GD: De que gosta muito?

Gosto muito dos meus pais e dos meus netos, Bernardo e Beatriz. Tenho 3 irmãos e gosto muito deles, também.

GD: O que detesta?

A hipocrisia

GD: Vê o avançar da idade como um passo a mais ou um passo a menos?

Sempre um passo a mais. Tudo tem o seu tempo.

GD: Já em pequenino, gostava de criar peças suas?

Desde sempre.

GD: Experimentou outro tipo de materiais?

Sim. Gosto de pintar e de escrever. Gosto de trabalhar algumas madeiras. Com 2 anos desmontei um candeeiro e voltei a montá-lo. O curioso é que sobraram peças e o candeeiro continuou a funcionar 😊. A curiosidade – e o gosto por este tipo de coisas – começou cedo.

GD: Quem é o seu ídolo?

Os meus pais.

GD: A sorte somos nós que a fazemos?

A sorte dá muito trabalho. Precisamos de sorte, mas trabalharmos para isso ajuda muito.

GD: Na vida qual é a regra do jogo?

Olhar mais para os outros do que para mim próprio. Não sou nada egoísta.

GD: Qual a sua opinião sobre este tipo de conversas, ou sobre esta rubrica do Grupo Desportivo?

Muito positivo este diálogo. Esta iniciativa permite mostrar aos sócios que **há vida para além do banco**. É possível ser um profissional dedicado e ter tempo para fazer outras coisas. Muitas outras coisas 😊. Mais do que conhecer o Vítor Santos, esta rubrica permitiu que o Rui passeasse e conhecesse a realidade natalícia de Vila Real. Tenho muito orgulho na minha cidade, das minhas gentes e das minhas origens. E esta rubrica vai permitir mostrar um bocadinho disso, através das minhas palavras. Palavras proferidas por mim, escritas por si e lidas por muitos sócios do Grupo Desportivo.

GD: Qual era a pegada que gostava de deixar para as gerações vindouras?

A pegada é a cultura de um povo, de um acumular de saberes em que todos temos que acrescentar. Se assim não for, a nossa espécie está condenada a ficar sem identidade.

GD: Como é que surgiu a possibilidade de ser embaixador?

Foi-me pedido para ajudar a fazer a promoção. Sou muito amigo da doceira. E como sempre faço quando entro num qualquer projecto, envolvo-me a sério. Executei o expositor com o formato que foi utilizado na promoção e na divulgação do doce conventual, contribuindo para a concretização da honrosa atribuição do galardão de uma das “7 maravilhas dos Doces de Portugal” e por conseguirmos chegar a mais apreciadores do doce desta região de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Temos uma proximidade muito grande com a Casa Lapão/Doces Conventuais de Vila Real, e quer o meu pai quer eu procuramos contribuir de alguma forma.

O meu pai, na parte mais utilitária, tem produzido alguns utensílios que ainda hoje são utilizados por lá; eu, mais na parte contemporânea, com peças que vou realizando para temas mais específicos.

O município, que também estava envolvido, pediu a minha colaboração de modo a chegar a informação sobre este produto maravilhoso a outros públicos. A ideia era promover as cristas, dando-lhe outra projecção e outra promoção. Como tal, mais do que embaixador eu prefiro utilizar a palavra promotor. Procuo contribuir para a promoção; penso que podemos ficar por aqui 😊.

GD: Agora uma difícil. Dá-lhe mais prazer passar uma hora na companhia de amigos a degustar cristas, ou sozinho a trabalhar os metais dentro do seu mundo de arte?

Não podemos confundir. É difícil, mas fácil de responder. O meu equilíbrio em termos dos meus momentos de silêncios só é equilibrado se existir partilha em termos de estar com os amigos, a conviver com os amigos e também a comer cristas, naturalmente.

Mas é importante cada um no seu lugar; há momentos em que não abduco do meu silêncio porque ele é de ouro e por vezes tenho necessidade de o desfrutar.

Consigo apreciar o silêncio a trabalhar, a ver uma paisagem na natureza ou num museu a ver 3 ou 4 pinturas.

Gosto, admiro muito a arte, mas sou crítico, gosto muito de contemplar as variadíssimas áreas de expressão artísticas.

Gosto quando percebo que a arte tem a capacidade e o poder de me despertar os sentidos.

Esse é um dos objectivos da sua existência.

GD: Já percebemos que é um homem de desafios. Qual é o próximo?

A obrigatoriedade de respirar, por si só, já é um desafio 😊.

Esse é o primeiro desafio do ser humano. Dia a dia estou com bastante empenho em defender o património cultural da minha cidade e da minha região. Mas há um património que quero defender com mais garra ainda e que é o património dos ensinamentos do meu pai.

O enorme património que ele detém, quer em saber quer em utensílios, moldes e ferramentas que possui, espólio com uma identidade e que transmite cultura e paixão do homem mais importante da minha vida.

Acho que era importante preservar, criando um espaço no museu de etnografia que existe em Vila Real e que está desactivado. Poder participar com a universidade na bienal relacionada com os criativos em que a arte pudesse estar em cima da mesa, é apenas um contributo em termos de poder ajudar a valorizar o património de um povo. São artes e ofícios ancestrais que era importante preservar.

O barro preto, que é património imaterial da humanidade pela UNESCO, o linho, os têxteis, a tamancaria, a latoaria, a cestaria: tudo coisas que no nosso quotidiano já tiveram grande preponderância, e hoje em dia estão a perder-se. Ensinar e preservar era fundamental para que a cultura de um povo não se perdesse de forma irrecuperável. Mais do que um desafio é uma paixão associada àquilo que eu faço. Mas já não é de agora.

Já tenho isto escrito no meu caderninho de sonhos e desafios há muito tempo. Podia estar sossegadinho, no meio do meu silêncio, mas não consigo. Tal como diz o adágio popular: «De poeta e louco, todos temos um pouco.» ☺

GD: Se lhe derem uma caixa de limões o que faz: limonada ou caipirinha?

Limonada, mas também gosto de caipirinha. Caipirinha também é bom ☺.

GD: Se o euromilhões lhe proporcionasse 100 milhões de euros, o que fazia?

Sou um homem do voluntariado, do sector social. Estou muito ligado à vertente social da minha região. Uma boa fatia seria para os carenciados. Não deixaria de olhar para eles, para as crianças e para os seniores.

Acho que o modelo de institucionalização das pessoas seniores não é o ideal. Eu defendo que se deveria dar apoio domiciliário na casa de cada um. Esse é um sonho meu. Um sonho de um simples e humildade sonhador...

Provavelmente só possível com o euromilhões com que o Rui me está a querer premiar agora ☺.

GD: Está zangado com alguém?

Não tenho tempo nem o direito de me zangar com ninguém. Se me zangar com alguém, será comigo mesmo.

GD: O que é que a idade nos oferece?

Experiência e saber. Oferece-nos também um saber olhar com muito mais delicadeza.

GD: E o que é que ela nos tira?

Ora aí está uma pergunta difícil. Tão simples e tão difícil. Tira-nos a possibilidade de fazer aquilo de que gostamos. O ser humano tem início e tem fim. Como tal, a idade tira-nos tempo, também. O fim fica mais próximo em cada dia que passa.

GD: Olhando para trás, qual a sua maior conquista?

Ser pai e ter dois netos.

GD: O filme mais, mais, mais...?

A Vida É Bela. Emblemático esse filme.

GD: Passámos por uma época em que todos comprámos presentes, muitos presentes. Antes dela tínhamos vivido o BF. O que acha do Black Friday?

Acho isso muito negro. Não concordo com as compras compulsivas. Comprar só por comprar não é comigo. Não está na nossa cultura, e usam-se subterfúgios para enganar as pessoas. Não gosto de ser enganado, não concordo.

GD: É mais de olhar para a árvore ou para a floresta?

Para a floresta

GD: Acredita no destino ou apenas na capacidade de mudar?

Nos dois

GD: Tem saudades de quê?

Vou utilizar os ensinamentos que a minha mãe me oferece. «Tenho saudades de ser mais jovem, tenho saudades de ser criança.»

GD: O que queria ser quando era menino?

Militar. Não tinha tempo para pensar em ser jogador da bola 😊

GD: O que quer ser quando for velhinho?

Ser quem sou. Mas com mais cabelos brancos.

GD: É hoje quem queria ser?

Sim. Em termos profissionais lutei para ser quem sou. E gosto daquilo que faço.

GD: Aos 57 anos, o que é que se sabe que não se sabe?

Não sei.

GD: Quem sabe os seus segredos?

Só eu. Os meus segredos são meus e só gosta quem está dentro do meu coração todos os dias.

GD: Quem é o seu maior fã?

A minha mãe

GD: Considera que é uma pessoa feliz?

Sim

GD: O que precisaria para se sentir ainda mais feliz?

Sou feliz o suficiente. Basta-me ter um dia todos os dias. Sentir, poder olhar, ver e cheirar. Isso é que é realmente importante.

GD: Ninguém tem dúvidas de que trabalhar os metais mantendo as técnicas ancestrais da tradição da latoaria é uma arte. Mas degustar e opinar sobre as cristas pode também ser considerado uma arte?

No sentido crítico de uma arte, não considero que o seja. Produzir as cristas é uma arte. Avaliar as cristas não me parece que se possa considerar uma arte.

GD: O propósito da sua arte é servir os outros ou servir a arte?

A arte em primeiro lugar; mas naturalmente que ao servir a arte estarei a servir todos aqueles que a admiram e apreciam.

GD: Como é que os sócios do Grupo Desportivo podem adquirir as suas obras?

Através do Facebook ou através de *email*. Mas são todas peças únicas e tenho sempre muito poucas. Se eu pudesse, oferecia. Mas não posso porque tenho de comprar os materiais, e eles são caros. 😊

GD: Qual foi a pergunta que ficou por fazer?

Hahahaha. Acho que nenhuma. Assim de repente não me lembro. Acho que se tratou de uma viagem pela cidade de Vila Real e um diálogo muito interessante e agradável.

Se até agora poucas pessoas no BPI conheciam esta vertente do Vítor Santos, a partir de Fevereiro de 2020 muitos sócios do Grupo Desportivo ficarão a saber quase tudo.

30. Responda – Com uma palavra apenas

GD: Qual o seu prato favorito?

Cozido à portuguesa

GD: Teatro ou cinema?

Arte, gosto de ambos

GD: Prosa ou verso?

Verso

GD: Livro ou crónicas soltas?

Livro

GD: Primavera ou Verão?

Primavera

GD: Beijo ou abraço?

Abraço

GD: Jazz ou rock?

Jazz

GD: Manhã ou tarde?

Noite

GD: 25 de Abril?

Liberdade

GD: Para descontrair, salão ou discoteca?

Discoteca

GD: Grupo Desportivo BPI?

Sim

Por Rui Duque, 4-02-2020